

OS SENTIDOS DA ESCOLA PARA JOVENS ESTUDANTES DE CLASSES DE CORREÇÃO DE FLUXO ESCOLAR

Andréa Carla Castro e Silva¹

A presença massiva dos jovens das classes populares nas escolas públicas brasileiras é um fenômeno recente. A obrigatoriedade da oferta de ensino para jovens de 15 a 17 anos só foi garantida por lei em 2009, via emenda constitucional. Mas, apesar dessa conquista legal, esses jovens nem sempre têm encontrado na escola a estrutura necessária à aquisição do conhecimento e à vivência de sua condição juvenil. A expansão da escolarização básica no Brasil tem sido feita de forma massificada, com pouco investimento financeiro. A conclusão da educação básica ainda é um desafio para muitos jovens. Alguns não conseguem concluir essa etapa dos estudos pela dificuldade em conciliar as atividades escolares com as outras instâncias de suas vidas, como por exemplo, o trabalho. Outros simplesmente enxergam a escola como um espaço desinteressante, que não satisfaz suas expectativas (PEREGRINO, 2011; LEÃO, 2011).

Fanfani (2000) constatou que a escola perdeu seu monopólio no processo de socialização das novas gerações porque insiste em oferecer o mesmo modelo de escola que foi construído na modernidade para as elites a um grupo culturalmente diferente, com novas expectativas e necessidades. O autor destaca, ainda, que os dispositivos que conferiam autoridade pedagógica e controle institucional à escola já não fazem mais sentido, pois eles se sustentavam na consistência da relação professor-aluno e na relação destes com o conhecimento transmitido durante a escolarização. Com as mudanças significativas na morfologia social dos estudantes e com o conseqüente desequilíbrio nas relações entre os atores escolares, esses dispositivos tornaram-se ineficientes. A cultura escolar resiste em aproximar o

¹ Mestranda em Educação - UFPE.

mundo da escola do mundo da vida, negando a linguagem dos estudantes e a sua cultura.

Enquanto o programa escolar tem ainda as marcas do momento fundador (homogeneidade, sistematização, continuidade, coerência, ordem e sequência únicas, etc.) as novas gerações são portadoras de culturas diversas, fragmentadas, abertas, flexíveis, móveis, instáveis, etc. A experiência escolar se converte a miúdo em uma fronteira onde se encontram e se enfrentam diversos universos culturais (Idem, p. 8).

Uma problemática que deriva desse cenário é o atraso no percurso de escolarização de muitos estudantes que hoje estão nas escolas públicas, gerado pela evasão e pelo baixo rendimento escolar, especialmente daqueles que encontram-se matriculados nas séries finais do Ensino Fundamental. Os dados do último censo escolar da Educação Básica divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) em 2014 apontam que em Pernambuco 37,3% dos estudantes matriculados no Ensino Fundamental precisam corrigir o fluxo escolar.

Os fenômenos da reprovação e do abandono escolar se intensificam nos quatro últimos anos do ensino fundamental. É como se o jovem não mais se adequasse à escola por ser “rebelde, indisciplinado e bagunceiro”. Mas, essa leitura permanece na lógica que situa o aluno como o problema, como se ele fosse inadequado à escola e não a escola fosse inadequada a ele. Ou seja, a evasão é, por um lado, apenas uma decorrência lógica dessa abordagem, visto que apenas os melhores permanecem por demonstrarem o mérito necessário à adequação idade-série/ano de escolaridade. Por outro lado, a evasão constitui-se como um ato último de lucidez por parte do aluno que se cansa de bater de frente com uma instituição que o rotula como fracassado e que, muitas vezes, manifesta-lhe, explicitamente, que ele deveria procurar outra escola mais próxima de sua realidade (DAYRELL, NOGUEIRA, MIRANDA, 2011).

Desde 1995 o MEC vem desenvolvendo ações voltadas para a correção de fluxo escolar dos estudantes do Ensino Fundamental, pautado pelos planos e políticas governamentais instituídos com o objetivo de trazer maior eficiência do sistema público de ensino e melhorar a educação do país, tais como: o Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), que mobilizou setores da sociedade civil e as Secretarias municipais e estaduais de Educação e o Plano Político Estratégico (1995-1998), que reforça os compromissos assumidos pelo Plano Decenal de Educação (PRADO, 2000).

Este texto apresentará um recorte de uma pesquisa em andamento que pretende analisar os sentidos da escola para os estudantes jovens de uma classe de correção de fluxo escolar do Projeto Travessia Ensino Fundamental (anos finais). Analisamos o material discursivo produzido em uma sessão de grupo focal (GF), realizado com estudantes o horário noturno de uma escola estadual de médio porte, localizada no Recife, em uma comunidade habitada por pessoas de baixa renda. O GF revelou diferentes pontos de vista desse grupo sobre a escola. Esse procedimento auxiliou na compreensão das diversas representações desse grupo, com aspectos comuns, sobre a escola (GATTI, 2005).

O Projeto Travessia faz parte da ação de correção de fluxo escolar das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Rede Estadual de Educação de Pernambuco, voltada para estudantes que apresentam distorção idade-série acima de dois anos. O seu objetivo é oportunizar a conclusão de um segmento de ensino em dezoito meses. Inicialmente esteve voltado para alunos do Ensino Médio, mas no ano de 2010, ampliou sua abrangência e passou a oferecer turmas do Ensino Fundamental.

A análise dos sentidos que os estudantes jovens de classes de correção de fluxo escolar atribuem à escola nos ajudou a olhar esta instituição por outro ângulo, pela perspectiva dos estudantes que não obtiveram êxito no processo de escolarização dito regular. Os sentidos de um discurso revelam um processo de historicidade, que transforma o autor do texto em sujeito, e apontam para a relação existente entre um acontecimento e a estrutura social mais ampla. Tal processo ocorre porque toda enunciação é resultado da tensão entre a memória discursiva que carregamos e a capacidade que temos de romper e recriar o que já foi dito por outrem, criando novos sentidos. Nesse movimento, o dizer se transforma em prática, por meio de uma ação simbólica que intervém na realidade (ORLANDI, 1995).

O GF foi composto por sete estudantes jovens, sendo três mulheres e quatro homens, com idades variando entre os 16 e 29 anos. Com exceção de um estudante, todos trabalhavam no contra turno da escola. Todas as jovens tinham filhos e moravam em suas próprias casas. Entre os rapazes, a exceção de um deles, que estava com a companheira grávida, nenhum tinha filhos e todos moravam na

casa dos pais.

As estudantes pararam de estudar quando engravidaram ou quando seus filhos nasceram, provocando atraso no seu percurso de escolarização. Os rapazes nunca evadiram da escola. Passaram a fazer parte dos índices de distorção idade-série por conta das seguidas reprovações.

Todos os participantes tinham uma longa relação com a escola, pois estudavam lá pelo menos há cinco anos. Antes de ingressarem na classe de correção de fluxo escolar, os participantes do grupo nunca haviam estudado juntos, mas alguns deles já se conheciam, pois a maioria mora na comunidade onde está situada a escola.

Quando questionados sobre as motivações que os traziam à escola foram unânimes em afirmar gostariam de concluir logo os estudos, conforme explicita os discursos abaixo:

Eu, sinceramente, é para terminar! (Estudante 1, 16 anos)

Para me livrar dos estudos... (Estudante 7, 17 anos)

Eu venho para terminar, se eu ficar em casa não vou terminar. (Estudante 3, 17 anos)

Não é nem pelo aprendizado, (...) porque eu acho que pelo tempo, pela confusão da sala de aula, você não aprende bem, mas é só pelo fato de terminar mesmo e ter meu certificado. Porque em casa você não vai ter isso. (Estudante 2, 26 anos)

Aqueles que não se manifestaram oralmente acenaram com a cabeça concordando com as opiniões dos colegas.

Outro aspecto que nos chamou a atenção é que, para eles, o ensino noturno é menos qualificado. Em vários momentos eles comparam o tempo de duração das aulas no turno da tarde e da noite.

O ensino não é tão qualificado à noite, e aí é que não dá em nada. (Estudante 5, 17 anos)

À tarde tem mais horas de aula, a gente ler mais, escreve mais, desenvolve melhor... (Estudante 4, 16 anos)

É melhor à tarde... aprende mais... até pelo horário. À noite é só o básico que passam para a gente, não passam o que é necessário. Só passam o que é necessário para a gente poder passar desse módulo. De manhã e de tarde, não, já é o ensino completo, passam tudo para a gente aprender mesmo e não só passar com a barriga, empurrando (Estudante 7, 17 anos)

Percebemos que o discurso sobre o valor social da escola na conquista de futuro melhor está presente nesses depoimentos (LEÃO, idem). Ao mesmo tempo em que eles consideram que o ensino noturno é menos qualificado, eles reiteram a necessidade de concluir os estudos e conquistar uma certificação capaz de inseri-los em outros espaços sociais.

Lançamos então outra questão aos participantes para aprofundar a compreensão sobre os sentidos que eles atribuem à escola, levando-os a refletir diretamente sobre a escola em que estudam, procurando distanciá-los da concepção institucional de escola. Diante da pergunta - Como vocês veem essa escola? – os estudantes apresentaram duas posições distintas, que revelaram um conflito geracional no grupo, conforme pode-se observar a seguir:

É uma escola boa porque é cheia de regras. (Estudante 6, 29 anos)

É uma das melhores da localidade. (Estudante 2, 26 anos)

Eu discordo. Não gosto de regras. (Estudante 5, 17 anos)

Os novinhos é que não gostam das regras (...) As regras existem por causa dos alunos, se os alunos fazem coisas erradas, aí vem as regras” (Estudante 6, 29 anos)

As estudantes com maior idade, 26 e 29 anos, sempre buscavam ratificar o discurso do “bom aluno”. Talvez o fato de terem passado mais tempo na escola, ter evadido e retornado, conferia a elas um senso maior de responsabilidade para com os mais jovens. Durante as discussões, elas sempre reiteravam como deveria ser o comportamento adequado de um aluno perante a instituição escolar.

No embate das duas posições manifestadas pelos participantes, o grupo até chegou ao consenso de que os alunos têm seus deveres e que algumas normas são necessárias para organização do coletivo que transita na escola, mas a maior parte do grupo se criticamente diante de algumas regras que consideravam arbitrárias, como por exemplo, o fato dos banheiros destinados ao uso dos estudantes permanecerem fechados e só serem utilizados com a autorização dos funcionários da escola e a série de obstáculos que enfrentam para utilizar os computadores do laboratório de informática.

Os momentos que causaram mais euforia nos estudantes durante os debates foram aqueles em que os jovens puderam relatar situações de conflito na escola, brigas com os professores e as estratégias para quebrar com o autoritarismo de alguns profissionais da escola.

Nunca gostei de professor... o único que me dei bem foi com Pedro² [o professor da classe de correção de fluxo escolar]. Ele sabe se posicionar na sala, ele sabe conversar com os alunos. Os outros não, queriam estrelismo, queriam tá humilhando o aluno em sala de aula. Ele lidar com aluno, ele respeita os alunos, tanto é que os alunos da outra sala são doidinho por ele. (Estudante 7, 17 anos)

Se falar alto, falo mais alto que ainda. Meu pai não fala alto comigo! (Estudante 5, 17 anos)

De acordo com Fanfani (idem), há estudantes que fazem questão de ser indisciplinados não porque querem ser agressivos com os professores ou com outros adultos que estejam no espaço escolar, mas simplesmente porque resistem às regras impostas pela cultura escolar e precisam se afirmar perante seus pares para ser reconhecidos como fortes no ambiente escolar, justamente porque não conseguem se afirmar em outros espaços de suas vidas.

A reflexão sobre como mudar a escola e sobre o tipo de educação que gostariam de receber nos espaços escolares, para nossa surpresa, pouco os motivou os jovens. Nesse momento o silêncio imperou no grupo. Orlandi (2012) destaca a importância desse elemento – o silêncio – no processo de interpretação de um discurso. Para nós, o fato de os jovens não manifestarem as próprias ideias sobre como deveria ser a escola, apesar de viverem uma experiência tão íntima com essa instituição, revelou a influência da força do discurso positivo sobre a escola e sua promessa de um futuro promissor presente no discurso dos adultos. É como se os jovens não estivessem autorizados a construir outros sentidos diferente deste.

Insistimos nessa questão e depois de alguns instantes o grupo revelou que a expectativa sobre a escola era formada por um misto de melhora do atual sistema escolar e toda sua dinâmica de controle e organização aliada à vontade de se livrar das obrigações impostas pelos horários e pela avaliação.

² Nome fictício.

A análise o grupo focal revelou a heterogeneidade do grupo pesquisado. As diferentes trajetórias desses sujeitos e os contextos em que vivem suas juventudes implicam nos diversos sentidos que constroem sobre a escola. Entretanto, percebemos que todos eles reproduzem o discurso da importância da escola para ascensão social no futuro, mesmo que em alguns momentos reconheçam que a instituição nem sempre tenha sido eficiente na condução de seus processos formativos. Os sentidos que os estudantes constroem sobre a escola são muito influenciados pelos discursos proferidos por professores, pais e adultos, em geral. Mas há momentos em que os jovens rompem com esses interditos e expressam sentidos baseados em suas próprias experiências com essa instituição, manifestando seu descontentamento com as práticas escolares que consideram arbitrarias, como por exemplo, o excesso de regras que normatizam o cotidiano escolar. Nesse sentido, observamos que a paráfrase e a polissemia estão presentes na formação discursiva que constroem os sentidos desses jovens sobre a escola.

REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de. Uma introdução: juventude ou juventudes? In: CORTI, Ana Paula et al. *Cadernos de reflexões: Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental*. Brasília: Via Comunicação, 2011.

FANFANI, Emílio. *Culturas jovens e Cultura escolar*. Documento apresentado no seminário Escola jovem: um novo olhar sobre o Ensino Médio. Brasília: MEC, 2000.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola... In: Dayrell, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PEREGRINO, Mônica. Juventude e escola: elementos para a construção de duas abordagens. In: *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Dayrell,

Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

PRADO, Iara Glória de Areias. LDB e Políticas de correção de fluxo escolar. *Revista em aberto*. Brasília, V.17, nº 71, p.49-52, Jan, 2000.